

Projecto de Cooperação Brasil-Moçambique
Ministério da Saúde Moçambique

UM ESTUDO QUALITATIVO PARA O DESENHO DE INTERVENÇÕES JUNTO DAS TRABALHADORAS DO SEXO.

Responsáveis:

Aida.Mahomed- Assistente de IEC.

Júlio César Barroso Pacca - consultor
do Ministério da Saúde do Brasil junto ao
PNC-DTS/SIDA em Moçambique

Novembro de 2.000

I. Introdução

Não há até ao momento nenhum tipo de Manual de Educação aos Pares para trabalhadoras do sexo em Moçambique. Mesmo as acções desenvolvidas a estas parecem ainda tímidas. Segundo o Plano Estratégico Nacional (PEN), há apenas 3 projectos em andamento de carácter preventivo: um desenvolvido pela Direcção da cidade de Maputo, outro pela ADPP na cidade de Beira e OMES na cidade de Chimoio.

A cobertura destes projectos ainda é considerada muito baixa, frente a previsão de existência de 30.000 trabalhadoras do sexo no país e 125.000 clientes destas. No Inquérito Nacional sobre prevenção de SIDA indica que 23% dos inquiridos recorrem ao sexo comercial, sendo mais frequente na zona centro e norte do país. No plano, pretende-se que as organizações não-governamentais sejam as responsáveis pelo desenvolvimento de tais acções.

É importante apontar a posição estratégica ocupada pelas trabalhadoras do sexo numa epidemia de DTS e SIDA, devido ao seu longo período de incubação. Isto porque podem ser consideradas importantes vectores de infecção, dada a sua participação no número de relações com parceiros diferentes e destes com outros parceiros sexuais.

Este aspecto é notório, quando se depara com a vulnerabilidade daquelas de baixa e média renda. Abaixo, traçamos alguns elementos que perpassam ou determinam sua vulnerabilidade.

- Individual: dada a baixa auto-estima do grupo, porque estigmatizadas pela sociedade e, em geral, vítimas de violência da polícia e de segmentos da população; baixo nível de escolaridade; baixo acesso a informações e serviços de saúde; exposição constante a possíveis infecções por doenças de transmissão sexual; alto nível de exposição à infecção por SIDA; baixo rendimento, o que as susceptibiliza a aceitar realizar serviços por baixos preços e aceitar serviços sem uso de protecção caso haja oferta de compensação financeira; baixo uso de protecção com clientes antigos e parceiros fixos.
- Social: sociedade machista; discriminação social; baixo nível de cidadania; condições limítrofes de sobrevivência
- Programática: baixo investimento dos órgãos oficiais na prevenção junto a este grupo; ausência de serviços adequados para atender às suas especificidades; falta de representação oficial designada para sua atenção, ficando somente a cargo de organizações da sociedade civil; baixa cobertura das acções de prevenção.

A actual situação de SIDA em Moçambique é apresentada em documentos como o Plano Estratégico Nacional (PEN) de combate ao SIDA e Impacto Demográfico do HIV/SIDA em Moçambique. Nestes documentos, estima-se que até o final de 1998 havia 1,1 milhão de pessoas vivendo com HIV em Moçambique, sendo que o sistema de nacional de vigilância não detecta entre 92 e 93% dos casos de SIDA do país.

Nas regiões centro e norte, onde se encontram as maiores prevalências do HIV, os dados dos postos sentinela, das consultas de acompanhamento pré-natal apontaram que grande parte das mulheres infectadas possuíam menos de 20 anos de idade. Na população entre os 15 aos 49 anos de idade, encontrou-se prevalência de 12,6% de DTS. Na mesma população, cerca de 2 milhões de homens e mulheres disseram, num inquérito populacional, que possuíam relações sexuais com parceiros irregulares. Apesar da escassez de dados e investigação consistente pode-se, por meio dos instrumentos apontados nos documentos acima referidos, dizer que a transmissão do HIV/SIDA se dá principalmente por via heterossexual. Como causa secundária há a importante transmissão materno-infantil, responsável por 25% dos casos diagnosticados.

Há ainda a projecção de mais de 10 mil casos novos de SIDA para cada ano nesta década, atingindo principalmente a população jovem. A doença poderá causar um impacto não só nos indicadores sociais como também na força produtiva da população moçambicana.

Não há estudos de seroprevalência disponíveis neste grupo em Moçambique. Em ambientes de baixa prevalência, encontram-se taxas acima de oito vezes maiores do que a população geral. Deve-se ainda ressaltar que, para além do incremento da incidência por transmissão sexual, este grupo pode contribuir no aumento da transmissão materno-infantil. Ao contrário do que se afirmava em cartas ao editor da *Genitourin Medicine*, por Bergström (1995). Na verdade, desde 1992 Mann já apontava Moçambique como país sob alta vulnerabilidade de infecção por HIV, o que se veio a confirmar ao fim da década de 90.

Há necessidade de produção de material que subsidiasse a acção de educação em pares, estratégia de acção mundialmente adoptada, notadamente nos E.U.A, Brasil e outros países da África. Para tal, há a necessidade de se conhecer de maneira sistemática os determinantes das práticas e atitudes destas jovens de modo a orientar a produção do Manual. Entretanto, esta estratégia ainda assim é de baixa cobertura, visto que cada activista trabalhadora do sexo consegue em média educar cerca de 30 a 40 outras trabalhadoras, dada a sua penetração somente nos campos que trabalha e/ou tem acesso. Além do facto, da sua actividade ocorrer durante sua actuação profissional, não havendo recursos suficientes para que exerça só a função de activista. Assim, ter-se-ia que formar de 800 a 1.000 activistas para se atingir cobertura de 100%.

Assim sendo, tal Manual deve contemplar estes limites e contemplar na sua produção alternativas mais auto-didáticas, de modo a aumentar a cobertura populacional não atingida pela estratégia de educação aos pares.

O modelo conceptual que orienta a construção de base para a análise e acção advém do conceito de vulnerabilidade conforme proposto por Mann (1992) e rediscutido no caso de jovens por Ayres (1996). A vulnerabilidade à exposição ao HIV/SIDA e outras DTS variam de contexto para contexto e de sujeito para sujeito. Neste sentido, a vulnerabilidade social decorre das características sociais de uma dada região, como as relações de género, índice de alfabetização, taxas de mortalidade, práticas socioculturais, cidadania; a programática, que se refere ao acesso a serviços de saúde, de prevenção de DST/SIDA, acesso a informações, resposta da comunidade e respostas governamentais; e a individual, que se refere a características dos indivíduos, as práticas sexuais e uso de drogas, adesão ao preservativo, comportamentos discriminatórios aos já portadores, tolerância social.

II. Objectivo Geral

Obter informação sobre os determinantes de vulnerabilidade nas trabalhadoras de sexo com vista a produção de um guia de educação pelos pares e Redução da incidência de DTS/SIDA

III. Objectivos Específicos

Produzir um Manual Nacional de Educadores de Pares, de prevenção às DTS/HIV/SIDA para trabalhadoras do sexo;

Produzir manuais autodidáticos para trabalhadoras do sexo, instrumentalizando-as para a prevenção de si próprias e de seus clientes;

Produzir modelo replicável de acção de informação, educação e comunicação para outras províncias não atingidas no primeiro biénio;

Conhecer os determinantes atitudinais destas profissionais, que as vulnerabilizam à infecção pelo HIV e outras DTS.

IV. Método

Foram realizadas 3 entrevistas de profundidade e uma visita de exploração num sítio de sexo comercial, na cidade de Maputo.

As entrevistas foram realizadas por profissional de saúde do sexo feminino com 3 informantes que possuíam características diferenciadas, de modo a oferecer pontos de vista diferentes sobre os focos escolhidos, a saber: uma entrevista com activista não trabalhadora do sexo, uma entrevista com activista trabalhadora do sexo e uma entrevista com trabalhadora do sexo não activista. Todas as entrevistas decorreram no Posto de Saúde do Porto.

O estudo procurou, a partir do eixo conceptual de vulnerabilidade e seus determinantes, detectar os seguintes pontos: 1) percepção de risco; 2) violência social a estas; 3) nível de auto-estima; 4) situações de uso e não-uso consistente de preservativos; 5) dificuldades no trabalho de activista; e 6) tipo de material a ser produzido.

Para se atingir este objectivo, utilizou-se o conceito de saturação, ou seja, haveria repetição de entrevistas até o momento no qual houvesse repetição consistente das respostas às categorias de análise propostas e novas categorias detectadas durante o trabalho.

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas conforme a expressão das entrevistadas. A partir disto, foram detectados os núcleos de resposta que empiricamente respondiam às questões do estudo e dois pesquisadores cegos foram detectando e construindo tal quadro numa tabula de análise. A partir do consenso, houve a análise qualitativa dos resultados obtidos. Estas categorias é que serão apresentadas nos resultados deste estudo investigativo.

A visita exploratória foi realizada por um profissional que procurou detectar, sem nenhum instrumento pré-preparado, os mesmos elementos estudados nas entrevistas, porém a partir de um grupo de trabalhadoras do sexo durante a sua actividade profissional. Além disto, procurou observar as condições de trabalho e de uso de material escrito durante este. Os pontos observados foram apresentados em relatório. Inevitavelmente, dado o carácter assistemático de tal visita, os pontos apresentados serão apresentados com a devida cautela e servirão para relativizar e/ou problematizar os resultados obtidos nas entrevistas. Entretanto é sobre estas últimas que incidirá a análise.

Dado o carácter qualitativo do desenho empregue, cuja escolha não foi pela preferência mas pelo tempo disponível, os sujeitos de pesquisa não foram escolhidos de forma casual ou aleatória, visto que não há necessidade de representatividade probabilística deste grupo em relação ao todo. No método qualitativo, parte-se do pressuposto teórico de que um indivíduo é marcado pelo geral e pelo particular do meio no qual ele vive, e sua singularidade por sua vez

traz elementos constituintes daquilo que é particular e também geral da população. É como se cada indivíduo carregasse na bagagem da sua formação as características que constroem e reconstroem a cultura moçambicana, ainda que expressa de forma singular, de acordo com o modo de ver de cada um. Na reunião destas singularidades e na análise profunda da prática discursiva, pode-se chegar às características determinantes da cultura sobre o indivíduo e, assim, desvendá-las com vistas ao estudo.

V. Resultados

Analisando os resultados encontrados nos entrevistas realizadas, podemos detectar 4 elementos que vulnerabilizam a mulher trabalhadora do sexo, a saber:

- 1) Sobre os determinantes de sua vulnerabilidade
 - a) Entre a desconfiança que protege e a confiança que arrisca

Observou-se uma importante presença de desconfiança em relação aos clientes por parte das trabalhadoras do sexo, na qual reside o motivo de exigir sempre o uso do preservativo aos seus clientes, principalmente os ocasionais. Esta negociação ocorre fundamentalmente antes do lift (termo empregado para a actividade), na qual se o cliente se recusar a usar o preservativo este não terá os seus serviços. “Um senhor falou com uma que está aqui que não queria preservativo e ela disse Ohhh! Disse vai, vai, vai. Depois foi embora. Se não vai nos transmitir SIDA.” Há uma associação entre o facto de solicitar o não-uso de preservativos e a suposição do cliente estar infectado. E isto tem se mostrado positivo quanto a sua protecção e redução da vulnerabilidade.

São as próprias meninas que levam os preservativos, seja aqueles recebidos pelos organismos que distribuem gratuitamente ou pela compra. “Quer dizer, não vamos... elas compram quando não há preservativo... elas vão comprar... temos certeza que compram.. muitos clientes que exigem o preservativo... Ninguém confia no outro agora” nas palavras de uma activista. E “eu costumo levar o preservativo”, segundo uma trabalhadora do sexo entrevistada.

Estes comportamentos protectores parecem ter se transformado seja pelo trabalho de intervenção, ou pela própria epidemia, já que uma trabalhadora afirmou que “acontece dele oferecer mais para a gente, não aceita... antes a gente aceitava, agora não aceita...”. O recurso de oferecer incentivos monetários por parte dos clientes, facto que ocorre em diversos outros países do mundo, parece ainda poder convencer algumas mulheres. Talvez pelo facto do baixo rendimento da actividade e sua íntima relação com a sobrevivência e subsídios básicos. Mas este facto, de conseguir convencê-las, para raro no contexto estudado. “Alguém aceita, mas todas que estão connosco não aceitam ... elas dizem que podem pagar 80 dólares, mas se me transmitir uma doença qualquer...”

Entretanto, o recurso não financeiro, mas que marca as relações sociais, como o sentido que norteia o sistema de confiança-desconfiança pode alterar este comportamento seguro. “ A pessoa vê o dinheiro na frente... ficamos com receio e aí ele começa a dizer que não tem nada sou casado, aquele papo... fica convencida e preciso de dinheiro, leva, faz, mas a gente não costuma fazer estas coisas.. mas as vezes acontece...”. Este relato de trabalhadora do sexo pode nos remeter ao fato que os atributos desejáveis socialmente e determinam a confiança ou não estão relacionados à chance de exposição.

Este facto remete à noção de que com o seu marido/namorado não há necessidade de uso de preservativo, pois a relação está centrada na confiança. Mesmo que ele tenha mais outras três mulheres, como no caso de uma trabalhadora do sexo entrevistada. “em casa não usam preservativo... só com os clientes...não sei, diz que é meu marido...”. A noção de risco está atribuída às condições de contracto e negociação estabelecidos entre serviço e cliente. Caso estas condições se alterem no contacto social, pode também haver mudanças nas “cláusulas” contratuais, que incluem o uso ou não do preservativo.

Cliente é cliente, mesmo que antigo. “Usam o preservativo de longa data. Já não tem confiança”, segundo uma activista e “sempre tento usar, mesmo com os antigos” conforme uma trabalhadora do sexo.

Os preços pelo serviço variam conforme o lugar, cliente e preferências por posições. Em certos sítios o preço é estabelecido entre o grupo de mulheres. Variam de 25 meticais (na Baixa) até 150 meticais (Julius Nyerere). Mas também podem aumentar se o clientes for avaliado como “rico”. “Há clientes que tem muito dinheiro, há outros que não tem. É o plano”.

Mas a variação também obedece ao tipo de contracto que poderá ser efectuado. Sexo oral (chamado de broche) é o mais caro, chegando a 150 meticais. Sexo anal ocupa o segundo lugar na tabela e o sexo vaginal é o preço básico. O custo aumenta caso o cliente queria manter relações com 2 ou três ao mesmo tempo. “Aí já não vou dizer, cada homem tem os seus gostos. Broche é 100, atrás é 80 e de frente é 50” segundo uma profissional do sexo. Os gostos variam podendo “tudo, broche, dormir de trás, dependo dos clientes, há os que gostam de broche, os que não gostam de trás, há os que gostam de ‘panha moeda’ de abaixar assim para entrar na vagina”. E o custo também.

“No broche usa o preservativo... as vezes não querem também todos querem broxe... atrás são brancos...”. As preferências parecem também variar conforme a etnia. E há o risco do sexo oral sem o uso de preservativos, referência encontrada na visita realizada, na qual as mulheres não sabiam que o sexo oral transmitia o vírus. Nas entrevistas, uma trabalhadora do sexo não associou o sexo anal enquanto factor de risco para infecção por DTS/SIDA, caracterizando inclusive está prática como mal vista por parte das outras mulheres.

b) Violência e Auto-estima

Um factor importante a se apontar é o da violência presente na vida destas mulheres. O risco de violência é grande. A começar pelos próprios locais nos quais procuraram clientes e da prestação dos serviços. “São esquinas existe isso... estou a ver as pessoas paradas... são sítios escuros, mas há umas certas pessoas que não se escondem, mas os homens descobrem... quer dizer está escuro” no relato de activista. Podem mortas, ser maltratadas”.

O local do lift é também importante, já que se não for bem escolhido os clientes “podem não dar dinheiro... podem te carregar e você não volta mais...isto é que é doloroso... por isso arranjam uma maneira de estar por aqui perto...”. Assim, as trabalhadoras procuram escolher o local, que pode ser na rua, numa pensão, numa dispensa. Nos sítios particulares, são obrigadas a pagar o quarto, que consome boa parte do dinheiro ganho. “pensão e esquina dos quartos... casas de pessoas que alugam os quartos senhoras que alugam os quartos 50 o quarto... tem cliente que te paga 10 e diz para ele pagar o quarto. Pensão por volta de 30 contos é quarto mesmo... fica assim desarrumado...há quartos de 10, 20 paus. O de 10 é colcha e o sítio é desarrumado”. “Então a trabalhadora sabe aonde vão... A trabalhadora é que determina aonde vão É só chegar ali, porque senão aproveitam para fazer outra coisa.

Parece não haver o agenciamento de mulheres para a prostituição na região do estudo. “Os donos do bar arranjam... não cobram nada. Há senhoras que ficam com parte do dinheiro delas... não trabalhar e depois levar o dinheiro para a senhora!”. Apesar do relato, nas outras entrevistas isto não pareceu se concretizar, apenas sugerindo que se “uma senhora a arranjar um homem para mim e apanhar bom dinheiro, pode dar bom dinheiro e pode dar metade...”.

A violência por parte dos meninos em situação de rua também parece importante, sendo que há de tomar cuidados na ida a certos lugares, “porque um moluena às vezes tira faca, faz isto e já não dá”.

A polícia parece responsável pelas mulheres fazerem coisas que não lhe agradam nem um pouco, principalmente retirar-lhes o dinheiro ganho e “revistam à procura de dinheiro, mas quando é muito a noite, há uma que fazem, há outros que não são boçais. Não levam. Pedem, não faz nada, só andam, rodear, te rodear, chega a um sítio e depois volta lá, nos assustar”. Isto as coloca numa situação de constante vigília que, em sendo violentadas, podem torná-las mais vulneráveis quer pelo facto do “violador” poder magoá-la fisicamente como obrigá-la a manter sexo sem preservativo, como também pelo facto de contribuir para

baixar a auto-estima dela na hora de negociar o uso de preservativo. Depois de ter sofrido a violência, ela estará em menores condições para exigir ou negociar o uso do preservativo com o cliente seguinte”.

A violência não se mede também necessariamente pela agressão física presumivelmente violenta. Pode ser subjectivamente apreendida como violência quando certas práticas sexuais, inerentes por vezes ao trabalho, as submetem em circunstâncias que rebaixam sua auto-estima. Como no relato de uma trabalhadora, no qual afirma que é obrigada “a fazer cada coisa... sexo de qualquer maneira... nós que somos maltratadas aquela posição aquilo estraga o corpo da pessoa, fica tão cansada... enquanto aquilo ali estraga a pessoa...Eu não sei...”. Se no que se refere à sua protecção ao DTS/SIDA elas possuem consciência do risco e conseguem efectivamente operar sobre sua realidade, nas questões da prática sexual por vezes se sentem submetidas.

c) Grupo e poder de negociação

Um último aspecto importante que emergiu durante as actividades se referiu à maior possibilidade de negociar o sexo seguro na presença do grupo. Por vezes, na acto em si, o cliente pode mudar de ideia ou sugerir outra combinação. Em grupo, parecem encontrar maior poder na hora de negociar e manter o contracto. “Usam o preservativo, primeiro é cobrar, enquanto ainda estão ali fora”.

d) Sobre a produção de materiais educativos ou informativos

As profissionais disseram que a maioria das trabalhadoras sabem ler e quando não, solicitam à outras pessoas que leiam para elas. A leitura pode ocorrer tanto durante o dia/tarde, ou mesmo à noite, antes do trabalho. Durante o mesmo é difícil porque elas estão atentas ao aparecimento de clientes.

Quanto ao formato, sugeriu-se que seja mais próximo ao A4. Houve muita dificuldade por parte das mesmas em citar temas a serem abordados no manual.

VI. Discussão

Os pontos citados são aqueles em que houve saturação, ou seja, nos discursos apresentados pelas entrevistadas mostraram-se como importantes na vulnerabilidade da mulher frente ao SIDA e outras DTS.

O sistema de confiança-desconfiança parece operar de maneira significativa na decisão do uso. A violência rebaixa sua auto-estima e poder de negociação e o grupo é importante nas decisões.

Um material voltado a esta população, a partir dos resultados encontrados, sugere um investimento no conhecimento do corpo e prazeres eróticos e sua relação com auto-estima, instrumentos eficazes para desviar-se da violência, melhoria da qualidade e quantidade de informações apreendidas. Seu formato deverá ser leve, com linguagem simples e não volumoso. Levar em consideração o nível de escolaridade e a dificuldade de apreensão do português nas diferentes regiões do país

VII. Bibliografia

1. Ayres, José R. "O jovem que queremos e o jovem que pretendemos ter" in Revista Idéias, São Paulo: FDE, 1997.
2. Mann, Jonathan; Tarantola, Daniel; Netter, Thomas. *AIDS no mundo*, Rio de Janeiro: Relume Dumará/ABIA/UERJ, 1992.
3. Ministério da Saúde de Moçambique, *Plano Estratégico Nacional*, 2000.
4. Ministério da Saúde de Moçambique, *Impacto Demográfico do HIV/SIDA em Moçambique*, 2000.
5. Bergström,S; Sonnerborg,A.; Osman, N; Libombo,A. HIV Infection and maternal outcome of pregnancy in Mozambican Women: a case-control study, *Genitourin Med*, 1995;71:323-324.

VIII. Agradecimentos

À Dra Luiza Magalhães e à enfermeira Filipa da Direcção da Saúde da Cidade de Maputo. Às activistas e trabalhadoras do sexo que contribuíram com suas entrevistas, sugestões e boa receptividade ao trabalho.

IX. Anexos

Trabalhadoras do Sexo

Análise de Entrevista

<p>Auto-estima</p>	<p>É a moça que fica com o preservativo. Alguns s dizem que não querem, não aceitam...aceitam sem preservativo... alguém aceita mas todas que estão connosco não aceitam ... elas dizem que podem pagar 80 dólares mas se me transmitir uma doença qualquer... e é uma coisa se eu descobrir..” Quer dizer, não vamos... elas compram quando não há preservativo... elas vão comprar... temos certeza que compram.. muitos clientes que exigem o preservativo... Ninguém confia no outro agora.” Além do dinheiro, tempos fardamento... crachá.. achava melhor a gente ter uns crachás... as pessoas tem dificuldade quando a gente sair aqui for a... agora temos este fardamento” Não aceitam mesmo... Negar fazer aquilo que estes clientes estão a dizer não é mesmo...” Um senhor falou com uma que está aqui que não queria preservativo e ela disse Ohhh! Disse vai, vai, vai Depois foi embora. Se não vai nos transmitir SIDA.” Nós é levamos o preservativos” .. Acontece dele oferecer mais para a gente não aceita” a antes a gente aceitava agora não aceita... fazer cada coisa... sexo de qualquer maneira... nós que somos maltratadas aquela posição aquilo estraga o corpo da pessoa, fica tão cansada... enquanto aquilo ali estraga a pessoa... Eu não sei...” ----- Eu costumo levar o preservativo” fico com a roupa dele e vendo para recuperar o dinheiro” no bar são 7, mesmo fora às vezes ficamos. O cliente é que escolhe a menina. As outras ficam caladas” Ninguém estuda, meninas a partir dos 15 anos.” . Costuma mas nós não aceitamos, porque um moluena às vezes tira faca, faz isto e já não dá. Polícia me pergunta é o que isto aqui, é preservativo para fazer sexo com ele, é caro nós todas. Revista a procura de dinheiro, mas quando é muito a noite, há uma que fazem, há outros que não são boçais. Não levam. Pedem, não faz nada, só andante, rodear, te rodear, chega a um sítio e depois volta lá, nos assustar.”</p>
<p>Preços</p>	<p>Depende dos locais, ali na 24 julho são 50 paus, na baixa acho que não é 50.Mas depende... Então combinam o preço” Depende há os que pagam 50, outros 70... Uns que não tem... tem pena de</p>

	<p>nós e aumenta ... Costumamos aumentar por nós próprios... O preço varia com o trabalho” O preço varia com o trabalho.” O broche é 150 pagam ode fazer 120...” Contando com o quarto... o quarto 110 contos... pensão e esquina dos quartos... casas de pessoas que alugam os quartos senhoras que alugam os quartos 50 o quarto... tem cliente que te paga 10 e diz para ele pagar o quarto. Pensão por volta de 30 contos é quarto mesmo... fica assim desarrumado...há quartos de 10, 20 paus. O de 10 é colcha e o sítio é desarrumado.” ‘----- e depois dá o dinheiro 50 contos... a pessoa que paga mais até 150 contos... preço fixo, em caso de pensão... quando é uma esquina qualquer 50 contos...” 24 de julho, perto do Ponto Final cobram 30. Na rua Araújo cobram 25”</p>
<p>Uso condom com clientes</p>	<p>só com os clientes...” A pessoa vê o dinheiro ma frente... ficamos com receio e aí ele começa a dizer que não tem nada sou casado, aquele papo... fica convencida e preciso de dinheiro leva faz mas a gente não costuma fazer estas coisas.. mas as vezes acontece... No broxe usa o preservativo... as vezes não querem também todos querem broxe... atrás são brancos... -----</p>
<p>Uso condom clientes fixos</p>	<p>Usam o preservativo de longa data. Já não tem confiança...” ----- eu sempre tento usar mesmo com os antigos</p>
<p>Uso condom parceria fixa</p>	<p>em casa não usam preservativo... só com os clientes...” não usam com o marido, não sei diz que é meu marido... “ ----- Não usam com marido...</p>
<p>Negociação uso</p>	<p>.. mas com jeito... mesmo com muito dinheiro eu não faço...” É preferível deixar entra pessoa que aguenta com preservativo.” Fazem tudo, broche, dormir de trás, dependo dos clientes, há os que gostam de broche, os que não gostam de trás, há os que gostam de “panha moeda” de abaixar assim para entrar na vagina. Aí já não vou dizer cada homem tem os seus gostos. Há clientes que tem muito dinheiro, há outros que não tem. É o plano. Broche é 100, atrás é 80 de frente é 50.” Usam o preservativo, primeiro é cobrar, enquanto ainda estão ali fora. As vezes que dizem que não dá para tirar dinheiro aqui, só dá para tirar lá dentro, depois de fazer, mas quem faz isso é senhor de responsabilidade”</p>

<p>Local serviço</p>	<p>“São esquinas existe isso... estou a ver as pessoas paradas... são sítios escuros, mas há umas certas pessoas que não se escondem, mas os homens descobrem... quer dizer está escuro “então a trabalhadora sabe aonde vão... A trabalhadora é que determina aonde vão É só chegar ali, porque senão aproveitam para fazer outra coisa. Na esquina elas pegam os clientes, tem muitas esquinas (cita sítios)... São abertos aqueles que estão na rua são levados e vão nas pensões ou mesmo nas esquinas o cliente vê de longe, vê...” Contando com o quarto... o quarto 110 contos... pensão e esquina dos quartos... casas de pessoas que alugam os quartos senhoras que alugam os quartos 50 o quarto... tem cliente que te paga 10 e diz para ele pagar o quarto. Pensão por volta de 30 contos é quarto mesmo... fica assim desarrumado...há quartos de 10, 20 paus. O de 10 é colcha e o sítio é desarrumado.</p> <hr/> <p>esquinas não muito escuro num prédio nas dispensinhas... as pessoas alugam... é uma dispensa... é só pedir... já conhecemos já acostumamos... Um senhor que vende cigarros é que me indicou a me dispensar” costuma ver briga por esquina” os locais não são escuros” no bar são 7, mesmo fora às vezes ficamos. O cliente é que escolhe a menina. As outras ficam caladas</p>
<p>Violência</p>	<p>Podem mortas, ser maltratadas” podem não dar dinheiro... podem te carregar e você não volta mais...isto é que é doloroso... por isso arranjam uma maneira de estar por aqui perto...” ----- , fico com a roupa dele e vendo para recuperar o dinheiro” . Costuma mas nós não aceitamos, porque um moluena às vezes tira faca, faz isto e já não dá. Polícia me pergunta é o que isto aqui, é preservativo para fazer sexo com ele, é caro nós todas. Revista a procura de dinheiro, mas quando é muito a noite, há uma que fazem, há outros que não são boçais. Não levam. Pedem, não faz nada, só andante, rodear, te rodear, chega a um sítio e depois volta lá, nos assustar.”</p>
<p>Formato material</p>	<p>E não haver cura de SIDA hoje gonorreia sabemos que tem cura es essas outras doenças venéreas do SIDA sabem que não tem cura ... não aceitam mesmo...” Conversamos com elas na rua mesmo... só damo0s palestras não tem filmes..” esto é a questão como conscientizar” não consideram como importante” ignorantes... começa a falar eles até virar o disco.” ela não sabe... há quem sabe” o corpo da pessoa, depois explicando isto isto e isto” Damos palestras nas esquinas, querem saber os problemas de sida.” DTS damos uns cartão para entregar Dá para ter desenho depois uma explicação... uma coisa normal mesmo... tamanho qualquer...” ----- Aprender como não fazer sexo sem camisa, prevenir, porque o preservativo</p>

	<p>previne muitas coisas DTS SIDA, como este livro... com muitos desenhos” Ninguém estuda, meninas a partir dos 15 anos.</p>
Leitura	<p>durante o dia é que podem ler, durante o dia estão a trabalhar... a espera do cliente... tinha que estar com o olho aberto... tem que estar grudado... Tem facilidade para ler mas tem umas que não conseguem nem escrever o nome... Doença venérea ... elas lêem se elas não souberem ler... elas estão interessadas e pedem para uma pessoa que está em casa para ler. ----- Sim, lêem a maior parte lê... Acho que em casa... naquele tempo podem ler... em casa é bem melhor não é, agora aquilo ali da descansar no quarto ler aquilo ali... ----- Sim, sou capaz de ler” A que horas eu poderia ler as 12, dá para ler durante o trabalho, desde as 19...” eu poderia tentar ler a noite... fazer tempo do meu trabalho”</p>
Pagamento de agenciador	<p>Os donos do bar arranjam também eles podem me chamar... não cobram nada. Há senhoras que ficam com parte do dinheiro delas... não trabalhar e depois levar o dinheiro para a senhora..” uma senhora a arranjar um homem para mim e apanhar bom dinheiro, pode dar bom dinheiro e pode dar metade...”</p>
Trabalho activista	<p>Falta das camisas as camisas não vem sempre... mesmo agora ficamos todo mês sempre...” -----</p>

Entrevistas Realizadas

Fita 1 Activista

Trinta e dois anos, 2 filhos, estudam, 15 anos e 13 anos, já casei as coisas não foram bem o primeiro tinha 3 mulheres, não suportei e não continuamos mais... e ele era casado, o segundo também era casado.

Estou há dois anos. Umas quando estão ali aparecem os homens, elas vão estar ali os homens...cita os lugares... São esquinas existe isso... estou a ver as pessoas paradas... são sítios escuros, mas há umas certas pessoas que não se escondem, mas os homens descobrem... quer dizer está escuro... não é com miúdas, pessoas mais velhas, com seus 45 e tal anos...a partir dos seus 15 para frente... mesmo com os 50 anos...tem estado lá, quer fugir de alguma coisa de casa, e quando passa alguém que conhece ficam a se esconder
Muitas se escondem ... para evitar ser visto... para o acontecido... mas há algumas que fica nas zonas com iluminação de energia
Conseguem porque sabem que naquele sítio tem coisa de sexo

Vão dão preservativos tem algumas activistas que vão ao local... então pronto... a trabalhadora está por cima... há muita competição... então tinha que aproximar ... e quando estão prontos começam a combinar os preços. Depende dos locais, ali na 24 julho são 50 paus, na baixa acho que não é 50.Mas depende... Então combinam o preço então a trabalhadora sabe aonde vão... A trabalhadora é que determina aonde vão É só chegar ali, porque senão aproveitam para fazer outra coisa. Podem mortas, ser maltratadas... podem não dar dinheiro... podem te carregar e você não volta mais...isto é que é doloroso... por isso arranjam uma maneira de estar por aqui perto...Não sai isso de sair não sai...A não ser que conheçam a algum tempo. confiam sí, ir mais para lá confiar naquilo.. se pagas todo dia ou não
A que pegou um cliente...

É a moça que fica com o preservativo. Alguns s dizem que não querem, não aceitam...aceitam sem preservativo... alguém aceita mas todas que estão conosco não aceitam ... elas dizem que podem pagar 80 dólares mas se me transmitir uma doença qualquer... e é uma coisa se eu descobrir... mas não vou descobrir.. hoje uma coisa que pode manter comigo um mês dois meses três quatro, não é? E não haver cura de SIDA hoje gonorreia sabemos que tem cura es essas outras doenças venéreas do SIDA sabem que não tem cura ... não aceitam mesmo... Negar fazer aquilo que estes clientes estão a dizer não é mesmo... e ver sair uma que vai se arriscar... daquilo que eu sei é que não aceita e caro sem preservativo. Um senhor falou com uma que está aqui que não queria preservativo e ela disse Ohhh! Disse vai, vai, vai Depois foi embora. Se não vai nos transmitir SIDA.

Mais pequenas

Essas mais novas isso não vou muito lá mas nós sempre temos dito que temos que usar o preservativo para defender nossa vida , agora se estas mais novas não usam é o que me resta a saber, porque não utilizam? Mais muitas das vezes que vamos falar para todos que estão ali.. até lutam.. ficamos muito tempo agora sem dar o preservativo... estamos a começar hoje o campo a dar preservativo... Ninguém escapa... Quer dizer, não vamos... elas compram quando não há preservativo... elas vão comprar... temos certeza que compram.. muitos clientes que exigem o preservativo... Ninguém confia no outro agora. De todas as maneiras tem que conseguir...

Há casadas, há outras que não, em casa não usam preservativo... só com os clientes... Não tenho certeza que usam com os clientes mais conhecidos... é mais com os desconhecidos... mas estes dizem que confiam... estou a trabalhar não é... Mas às vezes pode ter a problema Depende da memória de cada indivíduo... nesta altura. Há quem diz que eu confio, não posso utilizar isso daí, querem dizer que nesta altura vão manter a relação... porque acha que não tem outras isto não tem lógica... tinham que pensar que este está comigo hoje mas pode estar com a Maria amanhã, pode me transmitir aquilo que eu não devo apanhar noutra sítio... mas as outras não sei

Nosso trabalho está andar.. nós estamos aqui... tivemos alguns meses com dificuldade de dinheiro... sei lá o que mas ainda prometem a gente a receber.... Uma activista é uma conselheira... não só é dar palestra aqui, foram... de só sabe que isto existe... alguns tem medo... citam os sítios.. conversamos com elas na rua mesmo... só damos palestras não tem filmes.. eles é que vão vir aqui fazer a consulta
As trabalhadoras vem quando estiver com problemas... nós trabalhamos com elas lá.

Quando a gente chegamos lá isto é a questão como conscientizar. Depois damos os preservativos. Depois disto voltamos... Nunca vieram para um grupo. Aquelas pessoas que estão ali não vão perder tempo... não consideram como importante Não podem concentrar.. são cabeças duras... lá quando chegamos podemos falar com elas e quando vamos embora elas vão fazer o trabalho delas
A dificuldade é dinheiro , por mês são 25 mil meticais, três vezes por semana 3 horas por dia. Eu não tenho outro sítio de manhã, fico em casa... Minha prima ela enfiou-me aqui... muitas largaram...
Além do dinheiro, temos fardamento... crachá.. achava melhor a gente ter uns crachás... as pessoas tem dificuldade quando a gente sair aqui fora... agora temos este fardamento, agora temos... mais ou menos.. alguns tinham nós que éramos novos não tínhamos... as pessoas ignorantes... começa a falar eles até virar o disco.... pode fazer qualquer coisa... estas que estão por aqui... É necessário o

crachá... Nós estamos a andar nas ruas estradas... qualquer dia tem acidente é preciso ver que esta pessoa é uma activista do sítio X, mas isto ainda não temos. O horário está bom. Necessário dinheiro, fardamento, pessoas unidas.

Preservativo queríamos ter sempre, na falta disto aqui as pessoas ficam sem fazer nada, por ex. Falamos daquelas trabalhadoras qualquer não tenho dinheiro devo me enfiar em qualquer sítio para fazer qualquer coisa. Necessário preservativo em grande escala. Há muitas pessoas que vivem deste trabalho.. Depende de cada pessoa...

Pode ajudar... para educar... nós perdemos a vontade as pessoas não lidarem parece na pessoa a viver com sangue.. nós queremos salvar ela... ela não sabe... há quem sabe. Como as pessoas a mostrar que iam fazer isto até preencher o livro... para fazer entender que umas pessoas que se encontram num sítio X é um ex. Do que eu gostaria que estivesse neste livro... Umas pessoas ali, o corpo da pessoa, depois explicando isto isto e isto.. preenchendo aquilo que se deve fazer e o que não se deve fazer... manter sem o preservativo descuido hoje em dia... essas doenças venéreas se não for isto só com marido em casa... mas com marido em casa ele também pode trazer.. agora ele me largou por outra mulher... quando ele vem, meto o preservativo no bolso porque ele não vai ser capaz de pedir a mim. Ele sabe muito bem que eu sou activista. Ele não usa com a outra. Quando ele vai eu meto ali.

Podem ler durante o trabalho... durante o dia é que podem ler, durante o dia estão a trabalhar... a espera do cliente... tinha que estar com o olho aberto... tem que estar grudado... Tem facilidade para ler mas tem umas que não conseguem nem escrever o nome... Doença venérea ... elas lêem se elas não souberem ler... elas estão interessadas e pedem para uma pessoa que está em casa para ler. As outras vivem na casa, essas mais velhas os maridos morreram na guerra, alguns maridos são mineiros. Para sustentar os filhos.. muitas delas tem crianças. Não é todos os dias que conseguem ganhar... crianças vão a escola dia de matrícula todas as escolas comunitárias pode pagar de 6 em 6 meses. Quando não tem direito para pagar as crianças ficam em casa....

Fita 1 Activista e Trabalhadora

35 anos, filhos tem, 3 filhos, um de 18 anos, uma rapariga... estão todos a estudar, vivo com a minha mãe e com meus filhos... tomo conta de todos eles... somos em 8 pessoas

Na esquina elas pegam os clientes, tem muitas esquinas (cita sítios)... São abertos aqueles que estão na rua são levados e vão nas pensões ou mesmo nas esquinas o cliente vê de longe, vê... Nos bares, há aquelas senhoras que ficam nos bares. O nome dos clientes: é cliente. Como é que é? O preço tal... depende há os que pagam 50, outros 70... Uns que não tem... tem pena de nós e aumenta ... Costumamos aumentar por nós próprios... O preço varia com o trabalho. Tipo

de trabalho que estamos a fazer.. é o sexo normal ... o broche... há os que levam atrás ... a gente pode descobrir que levam atrás ... a gente não gostamos...O broche é 150 pagam ode fazer 120... Nós é que arranjamos o quarto. Há clientes que aparecem e dizem “eu tenho um lugar” mas agora temos medo por causa da bandidagem .arranjamos um lugar próprio.. costumamos sair tem um lugar próprio e as vezes pagamos um quarto.. tem que contar aquele preço contando com o quarto... o quarto 110 contos... pensão e esquina dos quartos... casas de pessoas que alugam os quartos senhoras que alugam os quartos 50 o quarto... tem cliente que te paga 10 e diz para ele pagar o quarto. Pensão por volta de 30 contos é quarto mesmo... fica assim desarrumado...há quartos de 10, 20 paus. O de 10 é colcha e o sítio é desarrumado.

Nós é levamos o preservativos... e eles também trazem.. Acontece dele oferecer mais para a gente não aceita o programa a antes a gente aceitava agora não aceita...

A pessoa vê o dinheiro ma frente... ficamos com receio e aí ele começa a dizer que não tem nada sou casado, aquele papo... fica convencida e preciso de dinheiro leva faz mas a gente não costuma fazer estas coisas.. mas as vezes acontece... No broxe usa o preservativo... as vezes não querem também todos querem broxe... atrás são brancos...

Ali na esquina... não usam com o marido, não sei diz que é meu marido... Usam o preservativo de longa data. Já não tem confiança... só com as pessoas que não querem o povo traz o preservativo dentro do bolso.. até perecem eles. Todos eles aceitam... Duas ou três clientes são alguns...

Damos palestras nas esquinas, elas param ficam a ouvir, uma de conversar ficamos a conversar gostam muito de conversar querem saber os problemas de sida.

DTS damos uns cartão para entregar.. para nossas amigas chegam marcam consulta. Já acostumei com o trabalho, estou a muito tempo a trabalhar...

Falta das camisas as camisas não vem sempre... mesmo agora ficamos todo mês sempre... sem camisa é só palestra as moças compram... elas guardam... utilizam estas que ganharam, elas compram ... mesmo desse jeito.

O que poderia vir... mesmo o uso do preservativo.. não abusar do sexo... fazer cada coisa... sexo de qualquer maneira... nós que somos maltratadas aquela posição aquilo estraga o corpo da pessoa, fica tão cansada... enquanto aquilo ali estraga a pessoa...

Eu não sei...

Sim, lêem a maior parte lê... Dá para ter desenho depois uma explicação... uma coisa normal mesmo... tamanho qualquer...

Acho que em casa... naquele tempo podem ler... em casa é bem melhor não é, agora aquilo ali da descansar no quarto ler aquilo ali...

Fita 3 Trabalhadora

18 anos sem filhos, sem outro trabalho até a 6 classe, vive com mãe, com meus irmão 3 meninas... e 1 rapaz.. não tempos pai.

Não muito tempo, começou em 99, na Josina Machel... no bar... estão lá... convida-os... são eles que vem... quando tenho dinheiro fico a tomar refresco me chama vou ali muita conversa... depois vamos,,, fazer o sexo e depois dá o dinheiro 50 contos... a pessoa que paga mais até 150 contos... preço fixo, em caso de pensão... quando é uma esquina qualquer 50 contos... esquinas não útil escuro num prédio nas dispensinhas... as pessoas alugam... é uma dispensa... é só pedir... já conhecemos já acostumamos... Um senhor que vende cigarros é que me indicou a me dispensar

Eu costumo levar o preservativo. H'; a pessoas que levam outros não. Dizemos chamamos de tio. Não, o serviço não tem nome... vamos fazer amor.. mas com jeito... mesmo com muito dinheiro eu não faço... aparece cliente querendo sem... eu não aceito não sei se outras aceitam... acontecem. É preferível deixar entra pessoa que aguenta com preservativo. Nunca aconteceu de chegar na gora e mudar de ideia

Acontece de não querer pagar, fico com a roupa dele e vendo para recuperar o dinheiro. E vai assim para a casa. Mas não são muitas pessoas.

Não usam com marido... eu sempre tento usar mesmo com os antigos. Eu não namoro namorado dá prejuízo... namoro com ele 2 ou 3 meses ele não me dá nada...nem pão nem de comer, tem aquele que pede dinheiro... só fazer sexo se me pagar. É padrasto que cuida de casa e de eu . Minha mãe não trabalho. Minha mãe sabe...

Sim, sou capaz de ler. Aprender como não fazer sexo sem camisa, prevenir, porque o preservativo previne muitas coisas DTS SIDA, como este livro... com muitos desenhos. A que horas eu poderia ler as 12, dá para ler durante o trabalho, desde as 19... costuma buscar a conversar ver o movimento.. ficar a beber e depois pá... pagar para mim... eu poderia tentar ler a noite... fazer tempo do meu trabalho... não costuma ir a outras esquinas... Sim, costuma ver briga por esquina Eu ter uma amiga lá fora... vamos passear e não uma pessoa querendo fazer o serviço eu não aceito... o domo do bar conhecem. Os donos do bar arranjam também eles podem me chamar... não cobram nada.

Há senhoras que ficam com parte do dinheiro delas... não trabalhar e depois levar o dinheiro para a senhora... eu fazer o trabalho que da para fazer ... Há isto sim, não conheço... uma senhora a arranjar um homem para mim e apanhar bom dinheiro, pode dar bom dinheiro e pode dar metade... Lá tem outras pessoas, nunca fui lá, não gosto, não é questão de gostar nunca fui.

24 de julho, perto do ponto final cobram 30. Na rua Araújo cobram 25, os locais não são escuros, elas é que vão atrás dos clientes. Na 24 de julho os clientes é que vão atrás das meninas. Não sei nunca fui, não tenho amigas aqui., no bar são 7, mesmo fora às vezes ficamos. O cliente é que escolhe a menina. As outras ficam caladas. Por mais que fiquem zangadas não podem fazer nada porque é a sorte dela hoje, é só calar. Gostam de meninas que tem cara parece parece na menina, dos 18 aos 22. Há outros que gostam de senhoras. A maior parte gosta de meninas.

Ninguém estuda, meninas a partir dos 15 anos.

Fazem tudo, broche, dormir de trás, dependendo dos clientes, há os que gostam de broche, os que não gostam de trás, há os que gostam de “panha moeda” de abaixar assim para entrar na vagina. Aí já não vou dizer cada homem tem os seus gostos. Há clientes que tem muito dinheiro, há outros que não tem. É o plano. Broche é 100, atrás é 80 de frente é 50.

Usam o preservativo, primeiro é cobrar, enquanto ainda estão ali fora. As vezes que dizem que não dá para tirar dinheiro aqui, só dá para tirar lá dentro, depois de fazer, mas quem faz isso é senhor de responsabilidade. Costuma mas nós não aceitamos, porque um moluena às vezes tira faca, faz isto e já não dá.

Polícia me pergunta é o que isto aqui, é preservativo para fazer sexo com ele, é caro nós todas.

Revista a procura de dinheiro, mas quando é muito a noite, há uma que fazem, há outros que não são boçais. Não levam. Pedem, não faz nada, só andante, rodear, te rodear, chega a um sítio e depois volta lá, nos assustar.

Impressões de uma visita

Na sexta fui a uma casa de trabalhadoras do sexo. Muito meninas, foram altamente receptivas. Não sei ao certo se por ser homem ou de outro país. O certo é que os activistas são mulheres. Pode haver certa diferença. Me explicaram sobre o trabalho.

Quanto ao preço: varia de lugar para lugar. Há casas de 70, lá é de 30 a 50 o lift (programa) e tem lugar ainda mais barato. Varia também conforme o cliente e o que ele quer fazer. O broche é mais caro e o sexo anal também. Pode chegar a 150.

Posições e preferências: há clientes de querem só fazer minete (cunnilingus), há outros que querem por cima e não há variação. Um amor bem gostoso é de 50 paus. Menos dinheiro é mais rápido. Há clientes que querem 2 ou 3 ao mesmo tempo, e pagam para isto.

Caça aos clientes: elas são bem rápidas. Olhos fugazes, estamos conversando e em poucos segundos elas saem para abordar possíveis clientes. Sem problemas. Voltam logo em seguida para conversar se não deu certo.

Preservativo. Usam sempre o preservativo. Mesmo oferecendo mais dinheiro Não aceitam. Dizem que algumas aceitariam... mas se perguntaram que talvez o que

está oferecendo mais é porque quer transmitir o SIDA. Muitas tiveram DTS, perguntadas como isto ocorreu se usam o preservativo... disseram que as vezes falha ou fura... Não há hábito de deixar de usar com cliente fixo. Mas não usam com parceiro fixo. Alguns clientes não sabem usar o preservativo. Não usam preservativo no broche.

Crenças: algumas acreditam que o preservativo pode trazer infecção para o homem ou para a mulher, principalmente aquele líquido que lá está. Sabem pouco sobre DTS. Falam muito em venéreas. Conhecem pouco para além de como se transmite. Não sabem sobre saliva. Mas são rápidas. Tem certa ansiedade em aprender. Querem saber mais sobre sexualidade e parecem desconhecer o assunto, sobre prazeres eróticos, relações homo e outras

Descobertas: falaram consistentemente sobre a existências de travestis. Estes a chamam de amigas... Cobram mais caro. E perguntam se há prazer no sexo anal entre homens e como? Não usam drogas...

Quiseram saber sobre antiretrovirais. Perguntaram sobre DTS. Parece não haver um ida ao posto com frequência, problema sério dado o trabalho desempenhado. Polícia: sofrem violência policial, que tiram-lhes o dinheiro. Sofrem também violência por parte dos meninos de rua. Defendem-se com pedras. Falam abertamente sem pudores. Não há material que lhes sirva se for pudorado.

Ideias

- Falar sobre sexo e sexualidade
- Posições
- Cuidados com o corpo
- Cidadania
- Direitos
- Trabalho
- Como negociar melhores rendimentos do lift
- Cuidados da saúde da mulher
- Oferecer serviços
- Informações actualizadas sobre SIDA
- Sinais e sintomas de DTS: regularidade
- Falar sobre comportamento, sensualidade, maneira de vestir e corte de cabelo e coisas de mulher para mulher.
- A estrutura de linguagem é de mulher para mulher, com passagens pelo masculino enquanto excitação. Com respeito, sem vulgaridade e não é necessário muito humor como no caso dos adolescentes. Não há o fatalismo de SIDA, afinal é o trabalho delas... fá-las reconhecer que elas tem que contribuir na diminuição de SIDA para manutenção do próprio trabalho. A linguagem 'é tipo NOVA... Lay-out leve e bonito reforçando a feminilidade... Cores leves e sutis, sem ser classe média alta... mas com cuidado e leveza. Usar os termos que elas usam... E isto não é vulgaridade. Não sabem o que é

sexo oral. Poderíamos explicar passo a passo. Não acredito mais que o melhor modelo é o folheto superdobrado... acho que é outro formato... Poderia ter relatos dela... talvez uma entrevista em cada 2 meses... Neste sentido, o material pode ficar encarecido... mas a parte de dicas de actividades é menos de dinâmicas e mais de estratégias de abordagem. Pode uma trocar com a outra como negociou o preservativo, o cliente para pagar o preço...

IX. Anexos